

A PROFESSORA RURAL O SABER DE SUA PRÁTICA SOCIAL NA ESFERA DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ESCOLA NO CAMPO¹

Jacques Therrien, UFC-CNPq

A luta pela escola é a luta por saber! Nesse locus de mediação do saber, cujo cenário pode ser representado até debaixo de uma árvore, os tradicionais personagens — o professor e o aluno — envolvem-se numa relação pedagógica na qual conteúdos e métodos se articulam pare um mesmo fim. a apropriação de vários saberes que vêm a constituir um novo saber que integra a práxis de cada um e seu modo de pensar o cotidiano. Processa-se um saber social, embora cada sujeito tenha um modo diferenciado de se apropriar deste.

Algumas questões estão contidas nessa observação inicial. A apropriação do saber indica que saber é algo social e historicamente construído. Devemos perguntar, portanto, o que é saber social? Em segundo lugar, o lócus da relação pedagógica aí expressa é a escola como instituição também socialmente construída: o que significa construção social da escola?

Finalmente, nesse contexto, tanto o educador como o educando vivem o processo educativo de elaboração do saber, o que nos leva à questão: como se educa o educador, ou seja, qual o espaço do saber social na relação pedagógica cotidiana do professor? Como este transcende para se integrar ao saber escolar sistematizado e hierarquizado? Especificamente, de que forma a professora se apropria na sua prática pedagógica escolar do saber socialmente construído na sua práxis cotidiana?

A professora rural: um sujeito social com identidade

Essa última questão, condicionada pela definição conceitual das duas primeiras, levou-nos à observação do cotidiano de algumas professoras rurais no intuito de identificar as representações de sua prática pedagógica escolar na inter-relação com o seu saber social.

As respostas, ensaiadas nesta breve comunicação, não passam de um início de análise num estudo junto a professoras comprometidas com as lutas no campo. O convívio profissional junto a professores rurais que ocupam posições de liderança nos movimentos sociais de luta pela terra e de luta pela educação no campo, em áreas de reforma agrária do Ceará, propiciou a observação inicial geradora das indagações acima referidas. As mesmas se situam num projeto amplo de pesquisa sobre "educação e hegemonia: o trabalho e as práticas sócio-educativas no campo" (DAMASCENO & THERRIEN, 1989). Mais especificamente, o presente estudo limita-se à análise, na esfera do cotidiano, das relações entre o saber da prática social das professoras e sua prática pedagógica escolar no processo de construção social da escola no campo.

Avaliações do sistema educacional vigente no campo tendem a associar a professora rural ao fracasso da escola pública, desmerecendo o fato de que em determinados contextos é ela que ainda salve a escola pública. A maioria dessas análises parte de pressupostos pedagógicos que não contemplam a totalidade do movimento social. Afinal o fracasso generalizado da escola pública na

¹ in: THERRIEN, J. & DAMASCENO, M.N. *Educação e escola no campo*. Campinas, Papirus, 1993. p.43-51

maioria das regiões brasileiras ocorre nas salas de aula em que lecionam professoras formadas nos moldes pedagógicos que regem as estruturas da escola tradicional.

Reconhecendo que a professora rural é gerada pela estrutura social do seu contexto de vida (que é também nacional), é a partir desta mesma estrutura que se deve conceber estratégias de construção da identidade pedagógica dessa professora, situando-a no movimento de construção social da escola do trabalhador.

De objeto de massa estatística incompetente e improdutivo pode se passar a uma observação da professora rural como sujeito contextualizado, histórico, com determinados saberes e práticas sociais cotidianas no interior da classe trabalhadora da qual não pode ser desvinculada. É preciso ultrapassar as tentativas pedagógicas que muitas vezes propõem transformá-la em mera transmissora de saberes socialmente relevantes, mas historicamente fragmentados e parciais.

As práticas pedagógicas heterogêneas da professora rural

O que nos revela a observação sistemática do contexto cotidiano de vida e de trabalho dessas professoras? É no bojo do movimento social no campo que se deve marcar o encontro com a professora rural. Como sujeitos históricos, não se desvinculam da questão do trabalho camponês e das relações sociais de produção caracterizadas pelos processos de luta e de conflitos na resistência à submissão imposta pelas contradições existentes entre o capital e o trabalho.

Como cidadã, a professora rural elabora sua experiência de vida e sua visão de mundo no contexto da classe camponesa marcada por lutas pela terra. Assim vivencia uma experiência pedagógica cujo saber produzido se funda nas relações de produção e nas práticas políticas do campesinato, ou seja, no bojo dos movimentos sociais no campo. Formas diferenciadas caracterizam os processos coletivos de resistência no meio rural brasileiro. A luta contra a expropriação da terra constitui hoje a mais importante frente do movimento social no campo. São posseiros e ocupantes empenhados na desapropriação dos latifúndios improdutivos, na legalização das posses e na definição de uma política agrícola apropriada. Uma segunda frente dos movimentos sociais é caracterizada pela luta contra a expropriação da produção camponesa, na reivindicação por uma política agrícola que assegure o valor do trabalho nos seus produtos. Pequenos proprietários rurais e ainda pequenas associações cooperativistas participam desse movimento coletivo. Finalmente, a luta contra a exploração do trabalho reúne trabalhadores assalariados do campo que se organizam para a conquista dos seus direitos. No caso das áreas de assentamento particularmente, identifica-se também uma luta pela escola pública e de qualidade, liderada em grande parte pelas professoras das comunidades.

A professora rural como mulher trabalhadora do campo é encontrada nas frentes de luta dos movimentos sociais. Nas suas relações com o mundo natural e social ela desenvolve e revela uma práxis que se dá em várias dimensões: produtiva, política e educativa. São os espaços nos quais como sujeito criador envolvido em atividade prática ela elabora um saber socialmente relevante.

Entre as formas fundamentais da práxis humane está a práxis produtiva que constitui a base da atividade prática e determinante de todas as outras atividades. No contexto do campo encontramos a professora diretamente envolvida na produção das condições materiais para a sua subsistência. Seu trabalho, no contato mais direto com a natureza, propicia-lhe condições de passar desse mundo objetivo para a produção do seu ser subjetivo: na qualidade de ser criador produz conhecimentos, conceitos e a própria consciência. Os condicionamentos de luta, nas áreas de assentamento, cristalizam ainda mais as relações sociais de produção de onde emerge a dimensão do "coletivo" como a articulação de compromissos e consciência de grupos de trabalhadores, que descobrem o poder social do seu ente organizado. Fazendo-se a si mesma e aos outros nessas atividades produtivas, vai emergindo na professora uma nova consciência elaborada nas suas relações com o mundo, a qual reorienta a sua práxis social.

O trabalho coletivo, estimulado nas lutas pela terra, forja a práxis política. As relações de produção, que são relações de poder, revelam o caráter de classe da luta pela sobrevivência. Nas condições objetivas de trabalho descobre-se que a força está na organização, condição do movimento social. Esse novo saber revela que a luta política é a expressão do desejo de transformação das condições objetivas do trabalhador. Junto aos demais trabalhadores do campo a professora elabora a dimensão política de sua práxis na organização social fomentada pelo trabalho, nas ações concretas e múltiplas de luta de caráter ideológico e na descoberta do Estado como instância de poder no direcionamento da sociedade.

Os saberes elaborados na prática produtiva e na prática política tem ainda maior relevância pedagógica na dimensão educativa da práxis social da professora rural. Reconhecer que a construção do saber, como relação entre o pensar e o agir de um sujeito consciente, enraíza-se na prática produtiva e política possibilita discernir a dimensão educativa dessas práticas e postular a base para identificar e analisar a práxis educativa da professora como práxis social totalizadora.

A "formação" das professoras "leigas" no estudo em referência aparece como produto de práticas pedagógicas heterogêneas por ser fundada em saberes diversos que afetam a sua visão de mundo e conseqüentemente sua prática social cotidiana. Essa práxis produtiva é intrinsecamente pedagógica porque se situa na esfera do saber, seja ele de origem não-formal tendo por base a vida material, a natureza, o homem em relação a si mesmo e aos outros, seja ele de origem escolar, incluindo suas ramificações à ciência e à tecnologia como legado cultural ou construção sistemática. A mesma dimensão pedagógica encontra-se na sua práxis política em que a consciência social e coletiva resulta dos processos de aprendizagem acionados nas lutas e nas organizações dos trabalhadores. Esse cenário da "formação /elaboração" da consciência social da professora rural não se desvincula do referencial que compõe o processo de organização e sistematização do saber que alimenta a sua prática escolar.

O saber social na construção social da escola

O encontro com as professoras rurais das áreas de assentamento ofereceu condições de identificar sua práxis em atividades sociais com objetivos definidos. Elas estão presentes nas atividades de trabalho em hortas comunitárias, nos grupos de produção de derivados de caju e de

confeção de chapéus de palha; assumem cargos de liderança na associação comunitária e nos movimentos de reivindicação junto a instituições governamentais; lideram o movimento comunitário para a construção de escolas e o atendimento das necessidades escolares junto à prefeitura; atendem às crianças em idade escolar assegurando as atividades de ensino pré-escolar até a 4ª série em suas casas ou galpões comunitários.

Dessa forma, as professoras rurais encontram locus favoráveis à produção de saber social diversificado, ou seja, tornam-se sujeitos de práticas pedagógicas heterogêneas. Evidencia-se o saber social elaborado para além do espaço escolar, ou seja, em processo educativo diferenciado daquele propiciado pelos instrumentos básicos do saber sistematizado. Esse saber articulado aos interesses dos trabalhadores é o resgate das suas experiências de luta e de produção, expressão de sua consciência a forjada na história de vida e transformada em vida na sua práxis cotidiana. Na definição de Grzybowski (1983, p. 8), a noção de saber social expressa "o conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes produzidas pelas classes, para dar conta de seus interesses". Trata-se do saber que identifica e unifica uma classe social, dá-lhe elementos para se inserir em uma estrutura de relações sociais de produção, para avaliar tais relações e, enfim, "trata-se de um saber instrumento de organização e de luta".

Noronha (1986, p. 204), a partir de estudos de Iesae (1981), refere-se ao saber expresso nas representações e nas práticas de trabalhadoras de cana-de-açúcar como: "Saber-patrimônio da consciência coletiva dos trabalhadores saber-parâmetro para pensar as relações ; sociais que eles mantêm; saber-poder usado como instrumento na luta para defender seus interesses".

No estudo junto às professoras rurais nas áreas de assentamento, consideramos útil distinguir elementos diferenciados de saberes que se cruzam nas suas práticas pedagógicas heterogêneas e que constituem o universo das suas experiências de aprendizagem ou de formação para a tarefa escolar. São dimensões do saber que alimentam suas representações da prática escolar cotidiana.

Identifica-se em primeiro lugar o saber adquirido como saber escolar e sistematizado da prática de ensino formal, o qual propicia o acesso ao saber técnico, científico e cultural necessário à consolidação da cidadania. De maneira secundária, a vida de mulher camponesa favorece à professora outros elementos do saber, um saber útil, de prática na diversidade de suas relações de produção. Uma terceira dimensão do saber, de teor mais político, origina-se da luta na organização da comunidade e da escola onde a professora descobre o significado do poder na sua relação com o coletivo.

Convém destacar um elemento diferenciado de saber, fruto da emergência da consciência crítica na práxis social da professora. Identifica-se o saber da resistência, do poder de transgressão às normas opressoras, do indisciplinamento contra o processo de dominação das classes dominantes, um contra-saber aspirando a uma outra estrutura social. É o saber do relativo, da dialeticidade das contradições do real que propicia uma visão de mundo transcendente, de transformação e de revolução.

Uma compreensão ampla dos elementos em discussão, quando situados no conjunto do movimento social que caracteriza as lutas dos camponeses, permite vislumbrar o processo de construção social da escola do trabalhador no campo. Este ocorre exatamente no eixo do saber social produzido e apropriado pelo coletivo da massa desses trabalhadores em que se fez presente a professora rural. Assim emerge a escola que atende aos interesses do trabalhadores e manifestados nas suas lutas sociais. É a escola que se apropria do saber social integrando-o ao saber escolar necessário à formação do cidadão, capacitando-o para o exercício dos seus direitos e deveres na luta para a transformação, não apenas de suas condições de vida como da própria sociedade que o oprime. Nesse locus cria-se o espaço privilegiado para a professora rural, a qual necessita, contudo, de constante capacitação para a sistematização dos seus saberes em vista do exercício pleno da função orgânica que lhe cabe na sua comunidade.

Prática pedagógica escolar e saber social

Do exposto, evidencia-se que o estudo procede através de uma análise histórico - crítica da relação sociedade-escola. Contemplando o universo de vida das professoras rurais participantes, admitem-se as contradições que permeiam a sua prática social e especificamente sua prática pedagógico-escolar. As conquistas da luta lenta e gradual em prol dos interesses da classe trabalhadora e do seu projeto de escola ocorrem no palco largamente dominado pelos determinantes dos grupos hegemônicos tradicionais. Contudo, novos saberes e contra-saberes vêm marcando espaços de transformação. Uma sociedade civil mais democrática e crítica está em gestação na contenção aos poderes que sustentam as desigualdades sociais. A consciência social do trabalhador do campo não se desvincula das suas conquistas para uma educação escolar necessária ao exercício de sua cidadania.

A investigação privilegiou o ponto de vista micro social para identificar as manifestações da práxis social da professora rural, caracterizando-a para discernir os novos saberes adquiridos e situar suas representações da prática pedagógica escolar. Consideramos que essas representações da prática pedagógica escolar condensam o novo saber construído na práxis social e dão forma às manipulações desse saber no cotidiano escolar numa relação estreita entre o concebido e o vivido. Penin (1989, p. 27) observe, parafraseando Lefebvre (1983): "O concebido, por um lado, constitui o discurso articulado que procura determinar o eixo do saber a ser promovido e divulgado... O vivido, por outro lado, é formado tanto pela vivência da subjetividade dos sujeitos quanto pela vivência social e coletiva dos sujeitos num contexto específico."

A abordagem teórico-metodológica e as observações de campo procederam no nível do cotidiano como referenda Penin (1989, p 13). "É no âmbito da análise do cotidiano que podemos melhor entender as ações dos sujeitos que movimentam a escola e com isso alcançar a natureza dos processos constitutivos da realidade escolar, tendo em vista a sua transformação."

Nas suas narrações de experiências escolares de infância, registradas nas suas histórias de vida, as professoras do estudo revelaram profundas impressões e marcas deixadas pelos métodos de ensino e os modelos de personalidade dos seus mestres escolares. Embora elas questionem tais referências, tendem a reproduzir essas práticas escolares carregadas de saberes formais

descontextualizados. O disciplinamento apresenta-se como norma de referência no momento inicial de explicitação de suas concepções. Contudo, a investigação das suas vivências diárias em sala de aula revela momentos de transgressão, expressão da resistência, quando percebem a importância de novos saberes, valores e concepções a serem partilhados.

As referências à família, por exemplo, adquirem uma nova compreensão em face do saber sobre o trabalho coletivo e a organização da comunidade. A própria postura da professora como mulher, sua relação com o trabalho, a comunidade e a família expressam as contradições entre o saber tradicional e as novas concepções assumidas com segurança e compromisso, embora na tensão entre o disciplinamento e a transgressão às normas dos saberes tradicionais. A dimensão autoritária da professora é substituída pelo respeito à sua liderança apoiada na práxis social.

Na esfera do cotidiano, as práticas pedagógicas heterogêneas geradoras de vários níveis de saberes vêm se integrando na práxis social da professora rural, afetando a sua prática escolar e contribuindo para a construção social da escola do trabalhador. Contudo, o caráter fragmentado e contraditório desses saberes revela uma falta de sistematização que aponta para a necessidade de prosseguir na sua formação escolar com o maior respeito a sua identidade e às conquistas de sua práxis social.

Bibliografia:

- DAMASCENO, M. N., THERRIEN, J. e outros. Educação e hegemonia: o trabalho e as práticas sócio-educativas no campo. Relatório parcial de pesquisa — CNPq, Fortaleza, UFC, Faced, 1991.
- GRAMSCI, A. Concepção dialética da história, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987.
- GRZYBOWSKI, C. Esboço de uma alternativa para pensar a educação no meio rural, Rio de Janeiro, Iesae/FGV, 1983.
- IESAE. Trabalho rural e profissionalização—análise das práticas e representações dos trabalhadores da produção canavieira de Campos, RJ, relatório final, Rio de Janeiro, FGV/Eiap/CPDA /IESAE, 1981.
- MAO TSE TUNG. Filosofia de Mao Tse Tung—Da prática, Belém, Boitempo, 1978.
- MARX, K. Contribuição à crítica da economia política, São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- NORONHA, O. M. De camponesa a "madame", São Paulo, Loyola, 1986.
- PENIN, S. Cotidiano e escola—a obra em construção, São Paulo, Cortez, 1989.
- VASQUEZ, A. S. Filosofia da práxis, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.